

A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A CONTRIBUIÇÃO NA LUTA DE UM PAÍS DEMOCRÁTICO DURANTE A DITADURA MILITAR.

Joelma Santos de Oliveira ¹
Alessandra Pereira dos Santos ²
Neila Machado de Sena ³
Josenilda Correia Matos ⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, apresentar como foi importante a música popular brasileira ao povo, durante a ditadura militar no Brasil, como mecanismo de informação e de enfrentamento aos opositores da liberdade, fraternidade e igualdade durante vinte anos de opressão e de negação ao povo brasileiro. Mostrar a façanha de grandes compositores e intérpretes com a coragem de produzirem letras com tons marcantes em favor da liberdade de expressão. Foi assim, com Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Raul Seixas, Ivan Lins e muitos outros. Esse trabalho tem como forma de pesquisa bibliográfica, com buscas de dados em escritores que escreveram sobre a ditadura militar e do legado musical da época. É destinado aos estudantes de graduação, pós-graduação lato sensu e stricto sensu e doutoramento.

Palavras-Chave: Democracia, Liberdade, Música popular brasileira, Opressores.

INTRODUÇÃO

A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A DITADURA MILITAR.

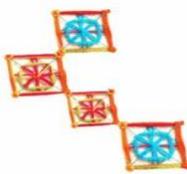
A trajetória musical no país foi de muita consonância com as alegrias do Brasil Colônia com os concertos de câmara, para as celebrações da senzala nas fazendas da cana-de-açúcar, instrumento de comunicação entre os intelectuais pensantes compositores, interpretes e até mesmo quem vivia da produção musical de shows até aos oprimidos que não entendiam o que passava no país com uma falsa democracia, até os dias de hoje só com o objetivo de entretenimento. Esta escrita tem como a justificativa de mostrar como a música teve um papel importante dentro da história para hoje não ter um significado que não seja só o do

¹ Mestranda do Curso de Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais da KYRE'Y SÃSO - PY-ASU, joelmaoliveira860@yahoo.com.br;

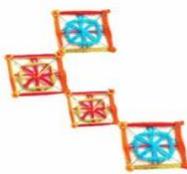
² Mestranda do Curso de Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais da KYRE'Y SÃSO - PY-ASU, alessandra.slash@hotmail.com;

³ Mestranda do Curso de Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais da KYRE'Y SÃSO - PY-ASU, neila.sena@gmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais da KYRE'Y SÃSO - PY-ASU, janematos14@gmail.com



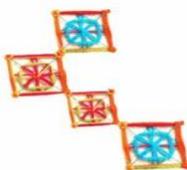
divertimento. Tem um objetivo direto de comparar a música nos movimentos que combatiam a ditadura militar com as mensagens em forma de metáfora para o povo entender o que passava na política brasileira durante a ditadura militar. A pesquisa foi de cunho bibliográfico com os recursos de conhecimentos retirados de livros que abordavam o tema. O resultado de discursão será encontrado durante a leitura do trabalho. A dinâmica do conhecimento do mundo, perpassa a compreensão da importância de uma personagem dentro da história de um município, de um estado e de um país, sua trajetória de vida, de compreensão do comportamento do outro, a sua forma de vida, o que são permitidos por direito e por ser um cidadão dentro de um espaço social e geográfico e por todo, em ter direito a ter direito conforme escritos incluídos nos conjuntos de leis que estão incorporados dentro dos anais constitucional de um país. Observar como um sujeito usou da sua arte, da sua inteligência para falar de forma indireta, com a intenção de chamar para a luta, para a procura de combater uma opressão que vinha da negação do homem ser livre, de ter garantido no que estão escritos na constituição, ter a liberdade de expressão e de pensamentos e principalmente de fazer o ponto preciso, para ter uma vida digna. Isso aconteceu nos anos de mil novecentos e sessenta e quatro até aos finais dos anos de mil novecentos e oitenta, com a promulgação do golpe militar, onde foi ceivado o direito do homem ser livre com uma ditadura cruel, sem respeito e com a aval da maioria da sociedade brasileira. A vida de um estudante, de um agricultor, um operário, professor, pessoas agregadas as entidades de movimentos sociais, premissa de pensamentos ligados ao sentimento de ideais sindicais, na luta de uma classe operária reconhecida como peça importante dentro de um progresso e o desenvolvimento do país, eram vigiadas, perseguidas e com uma desconfiança que começa fora de casa, adentrava nos meios sociais públicos e terminava no seio da família. Neste contexto, podemos observar que o cidadão não era de fato, dentro da premissa democrática livre, que podia influenciar o entendimento de pessoas que estavam envolvidas nos seus ciclos sociais ou que podia vincular seus pensamentos para outros. Essas pessoas eram vistas pelos órgãos opressores obstáculos para sustentar o poder dos que estavam dentro da premissa de quebrar todo laço democrático. Estava contextualizada em uma ideologia libertária era uma afronta aos militares e aos políticos que na sua maioria, ligados aos órgãos opressores, da época, via nos movimentos culturais, de várias vertentes, da história do golpe militar no Brasil. Assim, envereda no teatro, nos livros, nos shows humorísticos, filmes, aqueles que por algum motivo passava no crivo da censura e que eram mostrados nos meios em que podiam ter acesso, as pessoas que tinham um certo poder aquisitivo ou que moravam nos grandes centros. Mas, o principal veículo de combate a repressão, foram os estudantes dos ensinos secundários, os



universitários, os padres, na sua minoria e os representantes de ordens religiosas como os Beneditinos e alguns freis que buscavam a liberdade e bondade para ajudar a ter um país democráticos e os compositores e interpretes de músicas com ideais libertário que mostrava o que pensavam sobre a ditadura e as formas de impor o que queriam para sustentar o poder.

Existia a ideia na época da ditadura fazer com que a ferramenta mais importante ao combate a essas atrocidades, depois dos sequestros dos desembarcadores, cónsules, e diplomatas estrangeiros para trocar por presos políticos, veio a caça aos poetas e compositores musicais. Foi uma grande caçada para obterem informações dos cabeças que chefiavam os que lutavam contra os militares, muitos desses artistas, foram presos e torturados, levados para o exílio, alguns banidos. (COQUEIRO, ROSA, BELINATO & TEIXEIRA, 2020, p. 50).

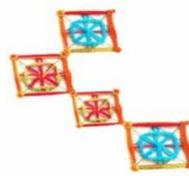
Observa-se que essa forma de combate a repressão, não tinha um líder, não era uma organização ou um partido político em que tinha uma estrutura com objetivos de ter uma organização. Vinha de pensamentos de quem não gostava de viver oprimido, vendo o povo sofrer na sua maioria e sendo um objeto de sustentação de poder da minoria. Cada poeta, cada compositor, cada intérprete, usava de sua inteligência individual e colocava para os quatro cantos do universo musical de forma em que as metáforas faziam ser aprovadas no crivo de quem fiscalizava e era agente de censura das obras produzidas. Foi assim com as músicas Cálice, A banda, Geni e o Zepelim, Construção, O que será, Roda viva, Gota d'água, Cio da terra, Domingo no parque, Podre poderes, London London, Alegria, alegria, Debaixo dos caracóis do seus cabelos, Vamos fugir, Não chore mais, Aquele abraço, Andar com fé, Metamorfose ambulante, Gita, Trem das sete, Pare de tomar a pílula, e muitas outras obras em que retratava a indignação de um povo com o sofrimento do que é viver sem liberdade, sem uma democracia e sem o direito de ter direito. Percebe-se nos escritos dos nomes das obras dos compositores e interpretes que cantavam na época da ditadura não vinculava um só nome, nem um único estilo musical, não podia dizer que era uma organização, e sim uma vontade de fazer com que suas obras fossem um meio de informação para que o povo tivesse o conhecimento do que estava passando politicamente no país. Na letra da música com o título "Construção", de Chico Buarque de Holanda, pode notar de forma em que a metáfora subtende a dupla faceta do que retratava a música não só no cenário musical, como no cenário político em que estava passando o país. Outra visibilidade é a música "Para não dizer que não falei das flores" de Geraldo Vandré que fala claramente da fome, da farda e da perseguição a democracia. Outro baluarte que buscou a metáfora como ferramenta de condução de conhecimentos do que passava no país politicamente, foi Ivan Lins e Victor Martins, dupla



que faziam suas músicas de forma inteligente e escancarava e burlavam a censura da ditadura com os joguetes de palavras que endoidava os fiscalizadores opressores em entender o que a música tinha como mensagem para o povo entenderem o momento da luta cultural na política naquele momento. Na música “Novo Tempo”, os compositores, não sabe se é uma coincidência ou não, encorajavam as pessoas a sonharem com dias melhores, com farturas, com liberdade e sem fome. Também pode ver isso em outra música “Desesperar jamais”, outra coincidência de encorajar as pessoas a não terem medo do que estava acontecendo e com a elevação na esperança de dias melhores. O mais marcante foi a mensagem em que diz “Somos todos iguais nessa noite”, uma noção de uma força em que diz e emprega a igualdade de todos em uma só conjuntura de vida. Sem mencionar outros compositores e intérpretes com Belchior quando compôs a “A divina comédia humana”, as angústias em que o povo vivia e que mascarava em público e sofria só. Também pode Paulinho da Viola, quando escreve e canta “Pecado capital” mostrando como a ganância do homem sobrepõe a dignidade quando trata do dinheiro. Gilberto Gil com a sua “Refazenda” com a inclusão do abacateiro como forma de matar a fome de quem passava fome e isso passou a olho nu da censura. Não era por menos que os militares o intitulou como “Negrinho baiano”, quando referia ao compositor. As perseguições iam de atores, compositores, intérpretes, professores, operários, agricultores, estilistas, padres e freis que faziam oposição ao regime da opressão feita por uma ditadura sem escrúpulos e nem piedade.

Hoje a mídia está mostrando a destruição e a fragmentação da cultura, do meio ambiente, das questões sociais e na educação. As vezes os mais astuciosos, não digo inteligentes, porque quem é inteligente não usa a sua inteligência para um mal coletivo e alienador de massas para conseguir o seu interesse seja ratificados, os astutos usam de qualquer artifício para enganar e ser beneficiado com o resultado que conseguem, assim são vistos e confirmados em práticas políticas em países subdesenvolvido e a educação é o meio onde esses astutos permeiam para conseguir o que quer ou deseja. É comum o astuto negligenciar a educação, quando sustenta um poder, quando está no domínio da situação, quando pode fazer, dizer e colocar em pratica o que quer (PEREIRA, 2020, p. 81).

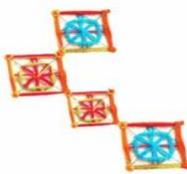
Quando o negligenciamento faz na educação, também nega na cultura o direito de expressar o que sente, o que pensa ideologicamente e isso quem ostenta o poder com a alcunha de inteligente (opressor), faz com que um legado de heroísmo, de intelectualidade caia no esquecimento e torna um objeto de desuso no percorrer do tempo. Pode ser visto na contemporaneidade, o pouco caso em que a cultura faz com os dismantelos de um governo de



ideais fascista, com a negação do direito a ter direito, o ideal político social, os direitos constituídos por lei sendo rasgado de forma plena e na visão de quem mais precisa desses direitos e ter os braços cruzados e sem nenhuma reação de luta. Assim, pode ver uma classe de oportunistas defendendo o seu ideal, religioso, partidários, educacional e de cunho privilegiado que mostra a velha política da época da ditadura militar onde o que os políticos e militares queriam eram ser aprovados em plena luz do dia e com até mesmo, corte de direitos políticos de quem eram contra as mazelas sociais promovidas pelo opressor. Conhece os Atos Constitucionais que começou com o número um e foi até o número cinco. A cultura, foi umas das ferramentas mais utilizadas no combate à opressão, foram os atores, compositores, pintores, que mostravam através da arte o seu descontentamento e de forma mais evidente, levava a todos os que aconteciam por trás de uma aparência política o contentamento do povo. Artistas eram obrigados usar pseudônimos para que suas obras fossem aprovadas pela censura que controlava a vida cultural do país, outros, ficavam escondidos na clandestinidade e não poderia ter o colo e o calor dos seus familiares, pois as suas residências eram vigiadas e todos os passos que davam tinha um “araçonga” no seu encaixo.

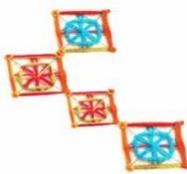
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A NOVA POLÍTICA INTITULADA “PÁTRIA AMADA BRASIL”

O cenário nacional em termo de cortes de direito, com a premissa de que todos devem ser iguais, segundo o capítulo quinto da Constituição Federal (1988), as formas de evoluir conforme está constituído na Carta Magna da Revolução Francesa, que diz Liberdade, Igualdade e Fraternidade para todos. Mas, o que vê atualmente, na esfera da política no seu contesto geral é o desfalecimento das conquistas sociais conseguidos por lutas, quebra de poder, mostrando que o homem pode viver com dignidade, salários justos, leis trabalhistas sendo implantadas e ratificadas por muito tempo, o direito de não ter bens públicos com lucros, uma educação laica sendo empregada na sua essência e que a liberdade de ensinar e de aprender está moldado nas leis educacionais. Hoje pode ver uma ruptura de todo esse legado, pois um país que era constituído com uma premissa de evolução constante para o século XXI, está tendo um retrocesso sem procedimento. Bancas formadas dentro do congresso sendo feitas de acordo com os interesses particulares, com lobs para o enfraquecimento e cortes do que foram conquistados e sim sem uma postura civilizatória para a necessidade do povo e de uma nação. O interesse particular vem sendo a premissa de uma política social e pública do legado Pátria Amada Brasil. Cortes nas verbas para pesquisas nos centros universitários,



incentivo de produção de dossiês com nomes de professores e reitores que tem um cunho social popular e quer a liberdade de pesquisa e de desenvolvimento para um país, o aumento de tempo de trabalho para o trabalhador aposentar, a quebra de direitos desses trabalhadores e o enfraquecimento sindical, o aumento de tempo de contribuição no INCRA e a idade para o homem do campo aposentar e sem contar com a obrigatoriedade de continuar contribuindo mesmo após a aposentadoria. Privatizações sendo anunciadas, de órgãos que dão lucros, que fortalece a conjuntura econômica e social do país, sendo jogado fora. Outro fato interessante é o envolvimento da nobreza em escândalos de corrupções, lavagem de dinheiro. Quando menciona o fato histórico da cultura no período de ditadura e da opressão, a luta foi chamada de ~~uma~~ luta cultural contra os opressores, envolveram segmentos culturais de todos o país, mesmo tendo alguns que eram a favor da opressão. A música, o teatro, as poesias, os livros, as composições musicais, estavam, constantemente mostrando as atrocidades do regime para o povo e as vezes muitos foram obrigados trocaram de nomes, refugiar em outro país, viver fora dos ente queridos e mesmo assim não fugiram da obrigação de cidadão e de patriota a negar a sua indignação. Para ter uma ideia, os órgãos opositores a quem eram contra a ditadura, buscaram artistas de outros países a infiltrar dentro da sociedade cultural para enfraquecer o poder das lutas culturais. Colocavam pessoas que eram celebridades em outra forma de fazer arte a serem cantores. Ver isso como por exemplo, jogadores de futebol, apresentadores de programas televisivos, humoristas e muitos outros.

A cultura de hoje está vinculada ao modismo, ao descartável e a uma juventude que não está importando com a situação do país em relação à economia, as questões sociais, ao vínculo com o saber e o compreender educacional. Visto que a política de negação da ditadura, da opressão nos tempos dourados do chumbo passa percebido pela camada de adolescentes e de jovens e não se sabe se é decorrência de uma educação fragilizada, de uma mídia que não tem interesse de mostrar em suas programações diárias ou é porque o vínculo dos jovens na educação está perdendo o interesse porque encontra respostas rápidas do que quer saber através de aparelhos tecnológicos. Sem contar com a evasão escolar sendo de grande contribuição para o saber compreender o que é bom socialmente e economicamente para uma nação. A música brasileira passou de ser um mecanismo cultural para ser uma fonte mercantilista, sem paixão, sem uma conotação ideológica e nem com o compromisso social. No contexto sociocultural, o movimento em que fez com que a população tivesse uma luta não armada, mas intelectual, luta da mente, caneta e o papel contra as atrocidades dos que queriam calar a voz de quem pensava e queria mostrar ao povo brasileiro a real situação do país.

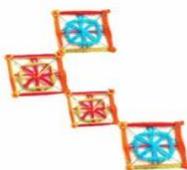


Protagonistas de muitas origens políticas, estudiosos de inúmeras áreas acadêmicas, artistas e intelectuais de diversos campos de atuação, refletiram sobre os acontecimentos em curso e ajudaram a construir visões críticas sobre vários temas correlatos à história do regime militar: o golpe, a agitação cultural, as passeatas estudantis de 1968, o milagre econômico, a guerrilha de esquerda, a repressão e a tortura, a abertura política. (NAPOLITANO, 2014, p. 04).

Observa-se que no contexto da luta contra a ditadura, a cultura e seus agentes, tem uma visão crítica sobre o que passava naquele momento político, alguém precisava mostrar para toda camada social o que acontecia e hoje, temos muitos vendo, vivenciando e sentindo o que são impostas pela governabilidade que no discurso busca uma democracia e na verdade estamos em uma repressão camuflada. Assim o povo precisa encontrar uma forma de fazer com que as mazelas sejam compreendidas por todos e não aceitar como está sendo no momento. A ditadura está com uma nova roupagem, os opressores que eram mostrados a olho nu, estão hoje escondidos por falsa ideologia democrática, libertária e igualitária.

POR QUE A CULTURA SEMPRE FOI UM OBSTÁCULOS PARA DITADORES E OPOSITORES DA DEMOCRACIA?

Na idade antiga, o indivíduo que tinha a arte da oratória, de mostrar habilidades com a escritas e com um pensamento voltado para a necessidade de ter um posicionamento não só seu, mas de todos que estavam ao seu redor, era visto como um ser desprezível em relação ao que estava no poder. Pode ter como ponto de observação dentro da história, o legado de Jesus Cristo, quando pregava que só tinha um rei, e para esse rei, todos eram iguais, não tinham distinção de classe social, econômica, de gênero, etnia e que todos tinham um só destino que era o de nascer, desenvolver e depois voltar ao pó. Com essas oratórias, os reis da época o perseguiram e até chegar a sua morte. Não foi diferente na idade média, quando o povo rebelou na Escócia contra o poderio britânico, quando os escoceses viviam na sombra de uma tirania em que a liberdade dependia da vontade do Rei inglês. As perseguições da igreja em que tinham o dom de curar pelos conhecimentos das ervas e de conhecimento da astrologia. Não pode mencionar de forma mais concreta em que os que tinha contrariedade com os reis, com os representantes do clero e principalmente com os senhores feudais, usavam os dons artísticos mambembes com suas representações e com os seus cânticos de um lado ao outro demonstrando as suas insatisfações. Pode, neste contexto que não é de hoje em que a cultura



vem sendo ferramenta de combate ao autoritarismo. Porque Hitler queimava os livros, perseguiram os artistas judeus ou não quando quis implantar o seu império na Europa?

No campo das lutas sociais persistiam as ameaças de aplicação dessas salvaguardas, o que era apontado pelo regime não como retrocesso, mas sim como forma de preservar a hipotética democracia da ditadura. A busca de aceitabilidade para estas medidas levava o regime a afirmar que as salvaguardas eram a única possibilidade de ampliar a participação de todos os segmentos sociais no debate político. Assistia-se a uma inversão à medida que as formas de barrar os chamados excessos eram mostradas como as garantias de estabelecimento de regras claras que levariam a uma suposta democracia. (REZENDE, 2013, p. 239).

É suposta democracia, eram camufladas em forma de discurso, de oratória em que os que não tinham uma escolaridade, uma compreensão dos fatos para poder ter o direito de contestar era a ferramenta dos ostentadores do poder. Aí que entravam os escritos nos pasquins, nos editais de gráficas, com os seus diferenciados escritos e os artistas que mostravam suas artes iam levando os fatos para todos entenderem a situação. Os moldes de que ostenta o poder só tem uma arma que faz com que ele seja perpetuo na sua posição. Essa arma era o medo do povo. Mas os artistas como ver anteriormente nesse escrito, não tinha esse medo, pois suas intelectualidades, mesmo sendo descobertos não eram esquecidas. Quem esqueceu da música de Geraldo Vandré “Para não dizer que não falei das flores”, quem esqueceu da música o “Bêbado e o equilibrista” de Aldir Blanc, quem esqueceu da música de Chico Buarque de Holanda “Cálice” e de muitas músicas que ficaram marcadas durante tempos em que ocorreu e passou o regime de trevas durante a ditadura militar. Quem não lembra saga em que passou muitos cantores que foram perseguidos pela ditadura, com a tortura de Vandré, o exílio de Caetano e de Gilberto Gil e os desaparecimentos do filho da estilista de moda mais famosa do Rio de Janeiro Zuzu Angel.

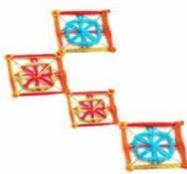
Opor quem está abaixo do poder tem as armas, são papeis, canetas, microfones, tabladros de teatro de arena, o povo que encantam com seus versos e tem uma idolatria por quem a ouve, faz com que o opressor fica em uma retaguarda de fragilidade, e neste momento o frágil perde o medo e o que está no poder passa a ter um medo mais significativo que é o de perder o seu poder e a sua sustentação e não usufruir do que o poder possa dar. Nas formulações de quem ostenta poder, os opositores devem ser banidos, exilados, alguns sendo separados dos que fazem parte do ciclo social na prisão e muitos são levados para os desaparecimentos sem ter notícias onde estão. Foi assim no período da ditadura, o negligenciamento faz com que os parentes daqueles que estão desaparecidos, não tenha um reconhecimento por órgãos de



governo em dar como mortos ou com um documento em que possa buscar direitos perante aos órgãos estatais em ter uma legalização oficial. Pode perceber que as organizações não governamentais que tratam dos assuntos relacionados aos que sofreram com a ditadura militar como a Anistia Internacional, Tortura Nunca Mais e a Comissão da Verdade, ainda não tem um poder investigativo tão eficiente antes e mais agora como a ditadura sendo atualmente camuflada com uma democracia denominada “Pátria Amada Brasil”.

A MÚSICA NO CONFRONTO COM O SOFRIMENTO DO PASSADO E O DESCASO DEMOCRÁTICO ATUAL.

A música brasileira tem uma história bonita, conta a história dos homens simples que moram no morro, nas favelas, as suas alegrias e angústias, cantam seus romances, suas necessidades de viver e poder sonhar com uma vida cheia de sucesso e com muita paz. Mas tem o seu lado triste, que contam o sofrimento do homem, nas suas diversidades da vida, os seus confrontos na luta por uma democracia, por uma vida justa e com a necessidade de viver uma igualdade, com fraternidade e principalmente com a liberdade que foi dada durante muitos anos de lutas para conquistar o que é de direito que é ter direito. Foi com a música que enfrentaram fuzis, cacetetes, paus-de-arara, telefones, orelha do dragão, choques elétricos, espancamentos, estupros e muitas violências nas grades da prisão do DOI-CODI, nas mãos dos delegados e agentes opressores comandados pelos chefes da ditadura militar. Foi com a música que os movimentos estudantis elevava a moral de quem não sabia do dia da manhã e foi com a música que a vida pode ser glorificada quando os festivais, os movimentos culturais eram levados para a rua e levando ao povo o conhecimento do que estava acontecendo nesse país. Mesmo que as forças opressoras faziam seus slogans de anormalidade no país. A arte e a cultura mostravam como a dignidade do homem eram sempre colocadas à prova quando via seus filhos sendo presos, sem a esperança de não poder vê-los mais e não tinha distinção se eram brancos ou negros, se eram pobres ou ricos, se eram religiosos ou ateus, se eram estudados ou analfabetos, só tinham uma exceção, para aqueles que eram contra o regime da ditadura e que eram filhos de militares ou tinha uma ligação forte com quem estavam no poder. A vida ia acima de tudo, mas, não importava o que acontecia, aqueles que não lia e nem escrevia nos governos que ostentava a doutrina Brasil, ame-o ou deixe-o, em um contexto libertário camuflado que ostenta “Pátria Amada, Brasil”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idealização da escrita desse trabalho vem do inquietamento de como a música atualmente está sendo vulgarizada com letras que não tem um sentido sentimental e nem com o cunho com objetivo para chegar algum entendimento. Quando percebe que a música brasileira foi uma fonte de comunicação para mostrar ao povo o sofrimento daqueles em que buscava um lugar em que pudesse viver de forma democrática, com uma igualdade em termo de vivencia social e que todos pudesse viver com alimentos, moradia, trabalho e terra para poder plantar. Nessa conjuntura, pode entender como o hino da liberdade nos tempos da ditadura não poderia ser tocada em um rádio ou televisão, que foi a música “Para não dizer que falei das flores” de Geraldo Vandré, nem a música de Chico Buarque de Holanda em que dizia sobre como o ser humano pedia por liberdade. Hoje as músicas são embaladas com ritmos dançantes e pobres de composição de sentido para quem quer ouvir qualidade. Portanto, o país está tendo uma tendência que para ouvir uma música de qualidade vai precisar o povo sofrer mais ainda para que as letras das músicas possam levar um tom de qualidade para os nossos ouvidos.

REFERÊNCIAS

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música – História Cultural da Música Popular /** Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p. (Coleção História &... Reflexões, 2) ISBN 85-7526-053-7.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: **História do Regime Militar Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, Antônio Carlos Coqueiro. Revista Capacitar – **Educação, Cultura & Sociedade /** Capacitar Projetos Educacionais Ano. 2, n. 7 (jul./set., 2020) – Feira de Santana: Capacitar, 2019 - ISSN 2675-0015

PEREIRA, Antônio Carlos Coqueiro; ROSA, Alexandre; GOMES, Warley Teixeira; BELINATO, Vera. **Série Educar- Volume 21 – Artes e Ludicidade /**Organização: Editora Poisson Belo Horizonte–MG: Poisson, 2020 - DOI: 10.36229/978-65-86127-01-0.CAP.05.

Rezende, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil : Repressão e Pretensão de Legitimidade : 1964-1984** [livro eletrônico] / Maria José de Rezende. – Londrina: Eduel, 2013. 1 Livro digital.